

Marluce Freitas de Santana ¹

RESUMO

Este artigo traz contribuições para o pensamento crítico feminista contemporâneo e tematiza a oralidade enquanto recurso estético que marca a literatura afro-brasileira como estratégia contra-hegemônica, frente à cultura etnocêntrica ocidental. Nosso objetivo é analisar a obra literária **Ponciá Vicêncio** (2003), da escritora Conceição Evaristo, fazendo vir a lume as marcas de oralidade que ecoam da sua escrita e reverberam como dissonâncias ao paradigma patriarcal, em suas variadas formas de manifestação. Adotamos como metodologia para a análise literária as orientações de uma prática cultural de leitura, que busca mobilizar aspectos semânticos e estéticos no processo de construção de sentidos do texto. Assim, procuramos inferir significados a significantes linguísticos, estéticos e culturais identificados na obra, passíveis de formulações que comprovam as marcas de oralidade coexistentes à escrita. Tais interpretações mobilizaram referenciais teóricos da sociologia de gênero, sobre tradição oral africana, da crítica literária feminista e afro-brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Oralidade; Literatura; Afro-Brasileira; Conceição Evaristo; Crítica Feminista

ABSTRACT

This article brings contributions to the contemporary feminist critical thinking and studies the orality as an aesthetic feature that marks the african-Brazilian literature as a counter-hegemonic strategy front of the Western ethnocentric culture. Our target is to analyze the literary work Ponciá Vicêncio (2003), written by Conceição Evaristo, making come to light the oral marks that echo of his writing and reverberate as dissonances to the patriarchal paradigm, in its many manifestations. We adopt as a methodology for literary analysis the guidelines of a cultural practice of reading, which seeks to mobilize semantic and aesthetic aspects in the text by meaning of the construction process. So we try to infer meanings of linguistic signifiers, aesthetic and cultural identified in the work, subject to formulations that show the marks of

¹ Profª da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus XXI – Ipiaú/Ba; mestranda em Crítica Cultural pelo Pós-Crítica – UNEB; Mestre e Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Del Mar – Chile; pesquisadora do GP Linguagem e Crítica Cultural – Pós-Crítica; mvsantana@uneb.br

orality coexisting writing. Such interpretations mobilized theoretical framework of gender sociology, on African oral tradition, feminist and african-Brazilian literary criticism.

KEYWORDS: Orality; Afro-Brazilian literature; Conceição Evaristo; Feminist criticism

Ao propor discutir a tradição oral em Conceição Evaristo (2003), partimos da ideia de vincular a opção estética da escrita dessa autora a uma textualidade comprometida com a afirmação cultural afrodescendente, por meio da enunciação de uma memória social² que se faz ouvir como arauto do povo negro na diáspora afro-brasileira. Concomitante a isto, apontamos a sintonia entre a emergência da literatura Afro-brasileira, corpus do qual Evaristo faz parte, e o movimento revisionista do cânone literário nacional, que atende às demandas reivindicatórias das representações marginalizadas.

Nesse sentido, os estudos de gênero, em crescente expansão na área acadêmica, compõem um importante repertório da crítica cultural e feminista, contribuindo para a atualização da historiografia literária, na medida em que inserem e dão visibilidade à autoria feminina nas letras nacionais. Em se tratando da escritora negra e a sua dupla condição excludente, esse contexto inaugura um lugar estratégico na luta pela igualdade de direitos da mulher e contra o preconceito racial.

Além disso, a abertura dada pelos estudos culturais para uma abordagem crítica do texto literário a partir de outros valores estéticos e ideológicos permite leituras intertextuais, interdisciplinares e paródicas que evidenciam outras

² Adotamos o termo “memória social”, ao invés de “memória coletiva”, conforme Machado (2014, p.83-84) para evitar as contradições apontadas por Portelli (1997) que perpassam o conceito de Halbwachs, no que se refere à relação entre “memória individual” e “memória coletiva”. Para Portelli, o ato de lembrar é individual, um processo desencadeado em um ambiente social dinâmico que utiliza elementos construídos socialmente e compartilhados. (PORTELLI, 1997, p.57).

subjetividades e desconstroem premissas rígidas. Dessa forma, ao situarmos na escrita evaristiana um hibridismo que intertextualiza elementos da tradição oral africana com uma escritura memorialista de resistência, buscamos dar sentido à experiência diaspórica do segmento negro em solo brasileiro, em especial à mulher negra.(GOMES,2014,p.43).

O feminismo enquanto movimento teorizado cientificamente vem conquistando espaço no meio acadêmico ao longo dos últimos anos, todavia há que se intensificar o debate nas questões relacionadas à intersecção entre gênero e raça, buscando compreender as implicações advindas da condição de ser mulher negra no Brasil contemporâneo, temática pouco assistida pelo movimento feminista tradicional.

Nesse ponto localizamos a escrita literária da autora Conceição Evaristo, mulher negra, engajada na luta contra o preconceito de raça e de gênero, que faz da sua palavra poética e da sua experiência de vida o amálgama que dá forma a um discurso potente, comprometido com a etnicidade afro-brasileira e com as questões femininas.

Esta escritora profícua integra o grupo de autores e autoras da chamada Literatura Afro-Brasileira, vertente literária cuja proposta é criar um espaço de enunciação do sujeito auto-identificado/a negro/a, que assume uma posição política e de intervenção ante à segregação racial constatada também no âmbito das letras. Esta textualidade caracteriza-se pela resistência e afirmação cultural afrodescendente, buscando através da elaboração criativa da palavra literária desconstruir estereótipos negativos fixados pelos discursos racistas, valorizar o legado cultural africano como constituinte da identidade nacional, denunciar a face preconceituosa da sociedade brasileira, a despeito de uma democracia racial tão festejada.

Eduardo de Assis Duarte (2002) circunscreve a Literatura Afro-brasileira numa abordagem crítica que a concebe como um discurso literário contra-hegemônico, capaz de operar a revisão do cânone, no sentido de suplementá-lo com a presença de outras representações sociais, as quais também foram protagonistas do processo de constituição da cultura brasileira, no entanto estiveram relegadas às margens pela visão etnocêntrica da tradição literária.(DUARTE,2002,47-61).

São outros e diversos os parâmetros para a leitura e recepção crítica dessa textualidade a qual se faz de “[...] um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo, movimentando-se sob a influência dos dilemas do negro e das invenções literárias”.(DUARTE, 2011,p.194).Concorrem para o agenciamento do texto afro-brasileiro ao literário uma avaliação descentrada, que leve em conta a pluralidade e a relatividade estética, tomando o cultural e o político, na mesma proporção, como valores da arte.(DUARTE,2002,p.50).

Adotamos o conceito de oralidade no sentido postulado por Walter Ong (1998) que abrange a Tradição Oral e a Literatura oral das sociedades ágrafas, classificadas por esse pesquisador como sociedades de oralidade primária em oposição às sociedades quirográficas, aquelas que desenvolveram a tecnologia da escrita. Este autor desfaz a noção de hierarquia entre oralidade e escrita que permeia o pensamento evolucionista e constata que mesmo nas sociedades quirográficas é possível encontrar resquícios preservados de oralidade em meio a textos escritos, dando-lhes, inclusive, suporte estrutural. (ONG,1998,p.16)

O conceito de Tradição Oral fundamenta-se nas concepções de Amadou Hampaté Bá, (2009), etnólogo que considera a oralidade uma herança cultural africana importante, pois é pela palavra falada que se transmite de geração a geração o patrimônio cultural das diversas nações daquele continente. Tal tradição não se restringe aos contos e às lendas, nem aos relatos míticos ou históricos, mas recobre

todos os aspectos da vida, com base na iniciação e na experiência, na totalidade do ser africano.(HAMPATÉ BA,2009,p.1-24).

A ressignificação de elementos culturais das tradições africanas preservados na memória social dos afrodescendentes brasileiros constitui-se uma das formas de resistência e afirmação identitária na diáspora negra. Nesse sentido, é possível apontar a oralidade como uma das principais fontes da poética afro-brasileira contemporânea, uma forma de valorizar o legado cultural africano, trazendo para a cena literária a diversidade e um viés crítico ao paradigma colonizador.(LOBO,2007,p.260).

Conceição Evaristo desde 1990 vem publicando sua produção literária e ensaística. Poemas, contos e romances tecidos com os fios de uma memória afrodescendente e audíveis sob o tom de denúncia e resistência formam a sua coleção autoral sobre temas diversificados. Nota-se nessa voz, marcadamente feminina e negra, a cadência de um falar cotidiano, que inscreve numa textualidade poética a realidade social e cultural da população afro-brasileira. Canta nossa religiosidade híbrida e grita denúncias contra o preconceito racial e de gênero ainda presentes em nossa sociedade.

O romance **Ponciá Vicêncio**, publicado em 2003, tornou-se o seu livro mais conhecido, no Brasil e no exterior, pois foi traduzido para o inglês em 2007. Constitui-se um instigante material para o aprofundamento de questões relacionadas à identidade feminina afro-brasileira contemporânea e às intersecções históricas, políticas e sociais daí decorrentes. Promove reflexões em torno do processo de exclusão dos afrodescendentes do período escravocrata ao pós-abolicionismo, mas aponta para possibilidades de superação a partir do questionamento, inconformismo e da busca de outros caminhos.

Compreendido como um contra-discurso literário e histórico, apresenta-se como ação político-ideológica que se interpõe ao cânone e faz emergir um discurso histórico Outro, deslocando a centralidade da construção de uma historiografia hegemônica, masculina, burguesa e eurocêntrica, para atribuir valor aos sujeitos excluídos, dando-lhes voz e autorizando-os sujeitos enunciadorees da própria história, que desafia e desestabiliza a oficial.

A proposta de apontar ressonâncias de oralidade na tessitura literária evaristiana apoia-se na ideia de subversão ao paradigma patriarcal, na medida em que rompe-se com a hierarquização entre escrita e oralidade, destacando a natureza híbrida do texto pela coexistência de ambas as modalidades, num nítido confronto com os postulados de hegemonia cultural.

Nesse ponto, os traços de oralidade detectados na construção textual marcam o contraste que evidencia um enfrentamento entre colonizado e colonizador, na medida em que, ao apropriar-se de um valor cultural das tradições africanas, a oralidade, a autora estabelece um confronto de ordem ideológica com o logocentrismo ocidental, demarcando posição anticolonial e, conseqüentemente, anti-patriarcal.

Além disso, a audição de uma voz feminina, assumidamente afrodescendente, ressoante dos subterrâneos da memória da personagem Ponciá, traz uma história pessoal enunciativa da plurivocalidade de mulheres e homens negros e negras da sociedade brasileira e, entre estridências e suavidades, faz emergir as experiências desse grupo étnico, em tom de denúncia, resistência e afirmação cultural.

As conquistas das mulheres desencadeadas pela luta feminista vem reconfigurando o cenário de uma tradição androcêntrica inspirada na versão greco-judaico-cristã de mundo. O feminismo compreendido como movimento social e

político desvelou os processos sociais e históricos que condicionaram as mulheres a papéis de subalternidade e aprisionamento aos ditames patriarcais.

O desejo masculino de dominar a natureza levou à dominação da mulher, pela associação do ser feminino àquela, princípio fundante de uma concepção essencialista, que considerou as características biológicas femininas da gestação e do cuidado com a vida determinantes de uma condição subalternizada e dependente, cuja principal consequência foi a naturalização histórica desse domínio e a introjeção dessa ideia também por parte das mulheres.(BOURDIEU, 2012, p. 33)

Tais princípios fundamentaram os processos de dominação ocidental sobre as demais culturas e povos colonizados, resultando no silenciamento e desvalorização das vozes historicamente subalternizadas. A hierarquização dos saberes validada por uma concepção etnocêntrica elege a racionalidade ocidental como padrão, conferindo à razão logocêntrica valor absoluto e universal.

Nesse sentido, o desprezo pelas culturas oriundas das sociedades de tradição oral fundamenta-se numa visão que desprestigia a oralidade em relação à escrita por esta representar a fixação da norma, das verdades absolutas, de um único modo de conhecimento do mundo.

Os apontamentos de Beauvoir sobre as questões femininas em *O segundo sexo* (1980) revolucionam a crítica feminista, na medida em que desnudam uma mitologia sobre a mulher, criada e disseminada pelos discursos hegemônicos do poder masculino. Esse divisor de águas marca o início dos estudos que buscam posicionar a alteridade feminina num lugar de fala transgressivo aos valores patriarcais, rompendo com o histórico silenciamento, invisibilidade e domesticação que caracterizaram as representações da mulher nas narrativas escritas por homens.

O passado de confinamentos e proibições imposto à maioria das mulheres faz do ato de escrever, para estas, uma atitude de rebeldia, a conquista de outros espaços de alteridade, de onde a voz feminina pode interpelar a tradição canônica e cultural e rasurar a história de subalternização e estereotipia contada pelo discurso patriarcal. Nesse sentido, Zolin (2003,p.109) corrobora com essa ideia ao afirmar que a escrita se abre como possibilidade subversora e de empoderamento da mulher, a qual se apropria de sua alteridade como rota de fuga e estratégia transgressora.

Desde a segunda metade do século XX, uma crescente produção literária de autoria feminina é publicada, resultante da mobilização feminista que, gradativamente, foi marcando posição e impondo-se pelo direito de fala às mulheres. Como tendência, observa-se a intenção de minar o paradigma representacional colonizador, na medida em que desloca-se a centralidade do sujeito branco, masculino, cristão, e de classe social privilegiada para trazer à cena a representatividade das margens. Consonante a isto, a crítica feminista contemporânea amplia-se para incorporar às suas bandeiras de luta a defesa das minorias, dos grupos marginalizados (ZOLIN,2003,p.106).

A ficção de Conceição Evaristo traz para o centro da trama literária o protagonismo de sujeitos marginalizados. São os favelados, mendigos, meninos e meninas de rua que povoam suas narrativas, carregadas de uma dramaticidade própria das tensões cotidianas dessa população constantemente sujeita ao signo das violências em suas variadas formas.

Marcas de oralidade permeiam toda a obra **Ponciá Vicêncio** (2003), numa flagrante intencionalidade de vincular esse texto literário à identificação com a afrodescendência brasileira, uma vez que essa modalidade da linguagem representa tradições civilizatórias e culturais africanas.

Parece-nos pertinente dizer que o texto evaristiano registra uma oralidade subversora ao logocentrismo patriarcal, na medida em que toma a oralidade como recurso estratégico para deslocar a centralidade do discurso hegemônico, que buscou fixar pela palavra escrita hierarquias culturais, sociais, raciais e de gênero.

O Romance narra o drama de uma família remanescente de escravos, marcada por uma condição de excludência histórica no pós-abolicionismo no Brasil. A trama sustenta-se da memória e história dos afro-brasileiros, experiências também vivenciadas pela menina, jovem e mulher Evaristo, cuja biografia comprova o seu pertencimento a este grupo étnico e o compartilhamento dos mesmos dilemas a que é submetida essa população.

As lembranças da protagonista Ponciá Vicêncio são evocadas dos subterrâneos da memória e emergem entrecortadas de sentimentos, ora tristes, ora alegres, doídos ou prazerosos, saudosos ou revoltantes, num movimento circular que emenda “presente-passado-e-o-que-há-de-vir”.(Evaristo,2003,p.132).Sugerindo o ato de lembrar, a narrativa se constrói de forma não linear, em fragmentos do que é lembrado.

Dar voz à memória individual de Ponciá e fazer desta fio condutor da enunciação coletiva do povo afrodescendente na diáspora negra valoriza um aspecto fundamental da cultura afro-brasileira, do qual Evaristo se faz enunciativa, a oralidade. Remonta à tradição oral das culturas africanas, buscando marcar o pertencimento identitário e reafirmar um valor cultural desprestigiado pelo colonizador.

Conforme Hampaté Ba (1997), a tradição oral tem grande importância nas culturas africanas, pois é pela palavra falada que se transmite às gerações o patrimônio cultural. Um repertório imenso e diverso de conhecimentos sobre a natureza e a vida,

sobre os valores morais, sobre concepções religiosas, sobre o domínio das forças ocultas que cercam o mundo visível, o segredo da iniciação dos diversos ofícios, o relato dos eventos passados ou contemporâneos, o canto ritual, a lenda, a poesia – tudo isso é guardado pela memória coletiva, “a verdadeira modeladora da alma africana e arquivo de sua história”.(HAMPATÉ BA,1997,p.1)

A narrativa evaristiana apresenta uma textualidade que, embora veiculada por meio da tecnologia escrita, revela uma performatividade das textualidades orais. Os períodos curtos e predominantemente coordenados, as repetições, redundâncias, aliteraões, o ritmo e outros recursos fônicos, reafirmam uma opção estética que elege a oralidade como elemento representacional da cultura afro-brasileira e das experiências memoráveis da própria autora. Esse trecho parece-nos um bom exemplo, dentre tantos passíveis dessa inferência. “Naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. Gostava de ser ela própria. Gostava de tudo. Gostava. Gostava da roça, do rio que corria entre as pedras, gostava dos pés de pequi, dos pés de côco-de-catarro, das canas e do milharal.” (EVARISTO,2003,p.9).

A escolha vocabular, marcada de coloquialidade e tom conversacional também denota essa aproximação com a oralidade: “andava encurvadinho com o rosto quase no chão”; “era miudinho como um graveto”; “veio escorregando mole”; “começou as andanças”; “ todos deram de perguntar”; “tomou como natural a aparência” (EVARISTO,2003,p 12-13)

A menina Ponciá, já de início, nos desperta para o seu sofrimento diante da recusa do sobrenome Vicêncio e da ausência de um nome de família. O sobrenome atribuído a ela e a seus familiares marcava um passado de subalternização ao senhor de escravos, dono daquelas terras, onde viviam.“Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir à beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o próprio nome (...) Sentia-se como

se estivesse chamando outra pessoa. (...) Ponciá Vicêncio era para ela um nome que não tinha dono”.(EVARISTO,2003,p.167)

Chama-nos a atenção o uso da aliteração³ presente na repetição do fonema /s/ nas palavras Ponciá e Vicêncio, além da vocalidade tônica que marca a última sílaba do primeiro nome, recursos fônicos característicos da oralidade, conforme Ong (1998,p.45). É possível inferir que essa escolha fonética nos provoque um certo estranhamento, levando-nos a indagar sobre as motivações que determinaram tal nominação e refletir em torno dos possíveis conteúdos subliminares e sentidos imbricados nesse significante.

Segundo Hampaté Ba (2009,p.6), a palavra proferida tem o poder de movimentar forças latentes e mudar o estado estático das coisas e os nomes de família estão sempre relacionados à ancestralidade, à uma linhagem preservada como história, identidade e verdade pela memória prodigiosa dos tradicionalistas.

A imposição do sobrenome Vicêncio escamoteia o sentimento de pertença a uma linhagem ancestral, tão importante nas tradições africanas, ao mesmo tempo em que representa a negação de cidadania brasileira aos afrodescendentes. Apesar disso, provoca na menina a rejeição do destino a ela reservado e a tomada de posição em busca de outros caminhos.

Outra leitura possível relaciona a repulsa, rejeição e negação da personagem a esse símbolo do domínio patriarcal e branco, como forma de insubordinação da mulher negra diante de um destino de objetificação e conformismo. Ponciá preferiu a incerteza do desconhecido, os riscos de aventurar-se na cidade grande, porque estava

³ A aliteração é um recurso da estilística fônica que consiste na repetição de dado fonema em vocábulos seguidos, próximos, distantes e simetricamente dispostos. Compreendida como a identidade de consoante de dois ou mais vocábulos, nas condições acima descritas, marca uma sonoridade que intensifica o ritmo e aparece frequentemente nos provérbios. (CAMARA JR. Joaquim Matoso. Dicionário de Linguística e Gramática referente à Língua Portuguesa. 26.ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p.54

“cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres” (...) “E avançando sobre o futuro, Ponciá partiu no trem do outro dia.” (EVARISTO,2003,p.32)

A mulher representada na obra analisada não se vê contemplada nas reivindicações feministas generalizantes. Trata-se de uma mulher negra, descendente de escravizados, oriunda de uma região rural e pobre, que sobrevive nas terras onde trabalharam como escravos os seus ancestrais africanos. Para Ponciá, o nome de família que carregava tinha o peso de um destino atado ao conformismo, à falta de perspectivas e a marca da tripla exclusão: de raça, de gênero e de classe.

A trajetória de busca de Ponciá reflete a realidade que ainda atinge muitos afrodescendentes brasileiros, os quais jogados nas periferias dos centros urbanos, sem emprego ou sub-empregados, não têm acesso ao mínimo de direito à cidadania e vivem expostos a todo o tipo de violência. As derrotas e perdas experimentadas pela personagem vão gradativamente roubando-lhe a esperança e afastando-a de si mesma e dos entes queridos

Ponciá vai de encontro ao destino para ela predeterminado. Deixa a família e as terras da sua infância em busca de seus sonhos, de uma outra história, a ser por ela mesma narrada. “Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova. E avançando sobre o futuro, Ponciá partiu no trem do outro dia, pois tão cedo a máquina não voltaria no povoado”.(EVARISTO,2003,p.32).

A coragem de sair do seu mundo privado para aventurar-se num universo desconhecido representa uma quebra da expectativa patriarcal. E o protagonismo descrito nos romances de formação burguesa, na narrativa evaristiana, ganha tons paródicos. Em lugar de um herói masculino que contabiliza de forma retilínea e ascendente sucessos e vitórias mediante as peripécias que tem que superar, temos uma

mulher, negra, interiorana e pobre, que se faz enunciar a partir das memórias e nos leva a ouvir fragmentos de lembranças, num movimento circular (...) “como se quisesse emendar um tempo ao outro...o passado-presente-e-o-que-há-de- vir”.(EVARISTO,2003,p.132).

A alusão a figuras mitológicas, o inusitado e fantástico de algumas cenas narradas, o trabalho na roça sob o embalo das cantigas remontam a esta tradição oral presente nas narrativas míticas, nas histórias mágicas e na musicalidade africanas. As entidades Oxumaré e Angorô, reverenciadas nas religiões afro-brasileiras, circulam o texto na imagem do arco-íris, elemento que as representa. “(...) Ela ia buscar o barro na beira do rio e lá estava a cobra celeste bebendo água”; “(...) o arco-íris era teimoso(...)”; “(...)com o coração aos saltos, passava por debaixo do angorô” (EVARISTO,2003,p.9).

É interessante refletir sobre o temor da menina Ponciá de virar homem, ao atravessar o arco-íris, crença antiga, contada de geração a geração, cena que se repete na narrativa. Podemos inferir deste sentimento uma negativa à visão androcêntrica, uma vez que a formação da mulher, desde criança, numa sociedade de valores patriarcais, é de valorização do ser homem. Desde cedo a menina vai assimilando valores prestigiosos aos homens e limitativos às mulheres. Ponciá, ao atravessar o angorô, fica feliz por não ter virado homem e, em outro momento, já adolescente, experimenta o prazer de tocar-se e sentir-se mulher, numa nítida alusão de posse do próprio corpo e do seu desejo.(EVARISTO,2003,p.9,21).

A tradição mitológica africana ainda se faz presente no mito de Nanã, ancestral feminina, de origem daomeana, cultuada no Brasil pelas diversas religiões afrodescendentes. Representa o processo cíclico de vida-morte-renascimento, tendo as profundezas de rios e lagos por habitat, onde a água mistura-se a terra para formar

a lama fecunda. Essa deusa ancestral também está relacionada à cerâmica, ao período neolítico quando o homem começou a desenvolver a cultura. (Volpato, 2010).

É possível ligar a esta ancestralidade os sentidos das imagens retratadas no texto, em que Ponciá retira do rio o barro, matéria prima para a fabricação do artesanato que ela e a sua mãe vendem na terra dos brancos. A habilidade da menina em moldar com perfeição toda espécie de peças miniaturizadas conecta-se à capacidade criativa do povo negro de preservação da sua cultura e identidade. Em outro momento, quando Luandi, o irmão de Ponciá, se sente exilado na cidade grande, para onde fora à procura da irmã, é esta arte reencontrada numa exposição o elo de religação com a sua família, com a memória afetiva que minimiza a sua orfandade (EVARISTO,2003,p.105-107).

Os valores culturais africanos reafirmados no texto ecoam na voz ancestral da personagem Nêngua Kainda. Esta figura mística, anciã negra que exerce a função de griot na Vila Vicêncio, é depositária de uma memória viva africana e afro-brasileira. Reverenciada por todos os negros e negras daquele lugar, é portadora da sabedoria e dos conhecimentos que formam o patrimônio cultural desse povo. Todos recorriam a ela para ouvir aconselhamentos e usufruir do seu repertório de amplos saberes de uma tradição que não divide a vida em partes distintas, pois “o que importa é a ciência da vida, cujo conhecimento deve ser sempre aplicado ao uso prático. (HAMPATÉ BA,1997,p.9).

Tomamos as contribuições desse pesquisador para afirmar que a inserção de Nêngua Kainda na trama realça a valorização dessa tradição herdada das culturas africanas, a qual, em solo brasileiro, não ficou esquecida, mas amalgamou-se à diversidade cultural coexistente, marcando a nossa brasilidade.

Assim, podemos conceber a inclusão dessa voz de autoridade e poder na narrativa como forma de denúncia e crítica ao logocentrismo etnocêntrico ocidental, centrado na palavra escrita pelos vencedores, na medida em que se eleva ao patamar de credibilidade e confiança um discurso outro, depositário de outros saberes e modos de conhecer, pois concordamos com Hampaté Ba quando cita o seu mestre Tierno Bokar : “ A escrita é uma coisa e o saber é outra. A escrita é a fotografia do saber, mas ela não é o saber em si” (1997,p.20).

Da janela do seu barraco, onde morava em condições degradantes com seu companheiro, ao ver o arco-íris, cena que a transporta para os bons tempos de infância, se ausenta em fuga para outros espaços, emendando passado-presente-e-o-que-vier-a-ser. A saga sofrida de Ponciá parece encontrar alento quando reencontra seus familiares. “Lá fora, no céu cor de íris, um enorme angorô multicolorido se diluía lentamente, enquanto Ponciá Vicêncio, elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não se perderia jamais, se guardando nas águas do rio” (EVARISTO,2003,p.132).

A crítica literária contemporânea alinha-se à crítica literária feminista e ao feminismo, este compreendido como pensamento social e político da diferença, para deslegitimar os sistemas representacionais hegemônicos da mulher na literatura canônica. Inicialmente, esses estudos denunciam e problematizam as formas tradicionais de representação da mulher, marcadamente estereotipada. Numa outra ótica, o feminismo crítico busca mapear a diversidade expressiva e subjetividades da autoria feminina.

Enfim, a escrita evaristiana está permeada de uma oralidade que ela mesma afirma resultar do universo oralitizado ao qual desde a infância esteve envolvida. São da autora as afirmações da importância dessas experiências para as suas escrevivências: “ A gênese da minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O

acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossas casas e adjacências” (EVARISTO,2007,p. 19).

Emerge, portanto, das experiências de mulher negra e pobre numa sociedade preconceituosa, um protagonismo intelectual engajado na luta em defesa dos afrodescendentes brasileiros historicamente excluídos, em especial a mulher negra. Conceição Evaristo se apropria da escrita literária, ensaística e acadêmica para denunciar e enfrentar a opressão racista, sexista e de classe social que ainda existe na sociedade brasileira. Sua obra deve ser lida como representação da cultura afro-brasileira e depositária de uma memória ancestral africana, cuja afirmação identitária está fundada na legitimidade da experiência existencial da autora.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner.11.ed - Rio de Janeiro: Bertrand,,2012.

CAMARA JR.Joaquim Matoso. *Dicionário de Linguística e Gramática referente à Língua Portuguesa*.26.ed.Petrópolis:Vozes,2007.p.54

DUARTE, Eduardo de Assis;LOPES,Elisângela. Conceição Evaristo: literatura e identidade. In: *Literafro– Portal da Literatura Afro-brasileira*. Disponível em: www.letras.ufmg.br/literafro, Acesso em >02.06.2015

DUARTE,Constância Lima.Feminismo e Literatura no Brasil. In:*Estudos Avançados*.v.17,2003.

DUARTE,Eduardo de Assis; FONSECA,Maria Nazareth Soares (Orgs) *Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG,2011.

DUARTE,Eduardo de Assis; In: DUARTE,Eduardo de Assis;SCARPELLI,Marli Fantini. *Poéticas da diversidade*. Belo Horizonte:UFMG/FALE:Pós-Lit,2002.p.47-61

EVARISTO, Conceição. Da grafia – desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: *Representações performáticas brasileiras: Teorias, práticas e suas interfaces.* (Org) Marcos Antônio Alexandre. Belo Horizonte: Mazza,2007. p.16-21.
EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicência.* Belo Horizonte:Mazza,2003.

GOMES,Carlos Magno. *Ensino de Literatura e Cultura: do resgate à violência doméstica.* Jundiaí:Paco Editorial,2014.

HAMPATÉ BA, Amadou. A educação tradicional na África.In. *Revista THOT*,n.64,1997.

HAMPATÉ BA, Amadou. A palavra, memória viva na África. In: *Módulo do Programa de Introdução aos Estudos Africanos – Centro de Estudos dos Povos Afro-Índio-Americanos* (CEPAIA/PPG/UNEB), Salvador, 2009.p.1-24.

LOBO,Luiza. *Crítica sem juízo.* Rio de Janeiro:Garamond,2007.

LUCIA, ZOLIN A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade *Ipotesi*, Juiz de Fora, v.13, n. 2, p.105-116, jul./dez. 2009 n.49,SãoPaulo,set/dez,2003.Dispon.<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-> Acesso em: 02.06.2015.

ONG, Walter J. *Oralidade e Cultura Escrita. A tecnologiização da palavra.* Trad. Enid Abreu Dobránsky.São Paulo: Papyrus,1998.

SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. *Literatura Afro-brasileira* .Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais,Brasília:Fundação Palmares,2006.

VOLPATTO, ROSANE *Nanã Buruku: matriarca africana.* Disponível em:<<http://sagrado-feminino.blogspot.com.br/2009/12/nana-buruku-matriarca-africana-e-suma.html>> Acesso em 05.06.2015.

XAVIER, Elódia. *Declínio do Patriarcado: a família no imaginário feminino.* Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a literatura medieval.* São Paulo: Companhia das letras, 1993.

MUZART, Zahidé Lupinacci Feminismo e literatura ou quando a mulher começou a falar. In: MOREIRA, Maria Eunice (org.). *História da Literatura, teorias, temas e autores.* Porto Alegre,Mercado Aberto, 2003.

Recebido: 01.09.2015 – **Aprovado:** 01.11.2015

Vânia Raquel Santos Amorim¹

Valéria Viana Sousa²

RESUMO

Neste trabalho, investigamos a variação/estratificação do modo subjuntivo em orações completivas introduzidas pelo complementizador que e em orações parentéticas iniciadas pelo que na língua falada de Vitória da Conquista-BA. A pesquisa conjuga pressupostos teóricos da Sociolinguística e do Funcionalismo, tomando como referência, sobretudo, Weinreich, Labov, Herzog (2006); Labov (2008) e Hopper (1991); Neves (1997) e Givón (2001, 2011). O nosso objetivo está centrado em investigar indícios de variação do modo subjuntivo, levando em conta fatores de ordem estrutural e social. Em termos gerais, o resultado dessa pesquisa, do ponto de vista sociolinguístico, sinaliza uma variação estável e, do ponto de vista funcionalista, encontra respaldo no Processo de Gramaticalização.

PALAVRAS-CHAVE: Subjuntivo; Estratificação/variação; Gramaticalização

ABSTRACT

In this survey, we investigate the variation/stratification of the subjunctive mood in dependent clauses introduced by the complementizer que (that) and parenthetical clauses initiated by que in the spoken language of Vitória da Conquista, Bahia. The research combines theoretical principles of Sociolinguistics and Functionalism with as references mainly Weinreich, Labov, Herzog (2006); Labov (2008) and Hopper (1991); Neves (1997) and Givón (2001, 2011). Our aim is focused on investigating the subjunctive mood variation taking into account structural and social factors. Overall, the result of this research, from the sociolinguistic point of view,

¹ Mestre em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e integrante do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. Professora da Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC) – Jequié (quelva@hotmail.com)

² Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (área de concentração em Linguística e em Língua Portuguesa). Professora titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL)/UESB. Líder do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. (valerivianasousa@gmail.com)

signalizes a stable variation and from the functionalist point of view, finds support in the Grammaticalization Process.

KEYWORDS: Subjunctive; Stratification/variation; Grammaticalization

INTRODUÇÃO

É consensual, nas teorias linguísticas, a compreensão de que as línguas naturais estão em constante variação e mudança. Partindo dessa consideração, este trabalho é direcionado pela visão de que a língua é dinâmica e a gramática da língua é moldada a partir das necessidades de comunicação e suscetível a constantes mudanças devidas às pressões de uso pelos falantes.

Cientes de que a variação/mudança no sistema linguístico não é um processo engessado, mas tem relação com as estratégias comunicativas buscadas pelos usuários nos diversos contextos de uso, procuramos compreender quais as forças linguísticas e extralinguísticas presentes na língua favorecem o uso da variação do modo subjuntivo pelos falantes.

Tendo em vista os trabalhos registrados na literatura linguística (MEIRA, 2006; CARVALHO, 2007; VIEIRA, 2007; ALVES, 2009; PIMPÃO, 2012 e LIMA, 2012), elegemos a seguinte hipótese: Na fala da comunidade conquistense, o uso do modo subjuntivo está passando por um Processo de Gramaticalização, e a alternância entre as formas do indicativo e subjuntivo, em contexto em que a Gramática Normativa prescreve o modo subjuntivo, está correlacionada a fatores de ordem linguística (estrutural) e de ordem extralinguística (social).

A fim de validarmos essa hipótese, traçamos, para essa pesquisa, o objetivo de investigar indícios de variação do modo subjuntivo em orações completivas

introduzidas pelo complementizador *que* e em orações parentéticas iniciadas pelo *que* no Português falado na cidade de Vitória da Conquista.

O trabalho compõe-se de cinco seções, a saber: Nesta seção 1, apresentamos a hipótese e objetivo do trabalho. Na seção 2, abordamos as categorias modo verbal, modalidade. Na seção 3, tratamos da interface entre as teorias da Sociolinguística e do Funcionalismo. Na seção 4, dedicamo-nos aos procedimentos metodológicos. Na seção 5, apresentamos as discussões dos resultados da pesquisa. Por fim, nas *Considerações Finais*, retomamos alguns resultados obtidos na pesquisa, ratificando a hipótese de que o subjuntivo está passando por um Processo de Gramaticalização.

1. O modo subjuntivo na tradição gramatical

Na Tradição Gramatical, os gramáticos Cunha e Cintra (2001), Bechara (2004) e Almeida (2009) consideram os modos indicativo e subjuntivo como uma oposição binária relacionados respectivamente a fatos certos e incertos.

A esse respeito, Perini (1998) opina que a distinção entre “certeza” e “incerteza” não desempenham um papel fundamental e suficientemente esclarecedor para determinar o emprego desses modos. Como esboço, podemos retomar, aqui, à definição do modo verbal posto por Kury (1964), na qual o estudioso afirma que compete ao Indicativo assegurar um fato; ao Subjuntivo, enunciar uma dúvida e, ao Imperativo, por sua vez, demonstrar o desejo do falante de que o fato seja realizado. Não obstante a tal colocação, em seguida, o próprio gramático reconhece que a definição de modo verbal, embora prescrita de tal forma, tem um valor relativo quando tentamos, por exemplo, analisar o futuro do indicativo nas seguintes construções

apresentadas por ele: 1) *Ela chegará hoje?* 2) *Não matará.* 3) *Discordarão alguns desta orientação.* (KURY, 1964, p.71).

No primeiro exemplo, o modo indicativo pode expressar dúvida; na segunda frase, ordem e, na terceira, possibilidade. Inquietos, perguntamo-nos, então: como compreender essa fluidez dentro da Tradição Gramatical? E como não encontramos, nos compêndios gramaticais, uma razão lógica em seus fundamentos para explicar algumas situações do uso do verbo e, em específico, do modo subjuntivo, buscamos entender a variação desse modo verbal pelo viés da teoria Sociofuncionalista, analisando, assim, fatos reais da língua em pleno uso.

O modo verbal das orações parentéticas

Consta em Almeida (2009) que, nas orações parentéticas iniciadas pelo *que*, denominadas por ele de intercaladas, emprega-se o modo subjuntivo quando é tomado substantivamente limitando uma possibilidade. A título de exemplo, o gramático traz: “Ninguém, que eu Saiba, entrou aqui (pelo que eu sei, segundo o que eu sei) – Que me lembre, ele não disse isso (pelo que me lembro) - Que me conste, ele não quer ir.” (ALMEIDA, 2009, p.556).

Bechara (2004), a esse respeito, registra que, quando as orações parentéticas delimitam a generalidade de um asserto, usa-se o verbo no subjuntivo, como em : “Não há, que eu saiba, expressão mais suave”. (BECHARA, 2004, p.283).

Excertos do *Corpus* PPVC, no entanto, vão de encontro a essas regras prescritas pela Tradição Gramatical quando evidenciamos o uso do indicativo nas orações intercaladas. Observemos os exemplos seguintes:

(1) Não, que eu LEMBRO, num tem nada. (J.C.S)

(2) Que eu ALEMBRO, num alembro não. (E.F.O)

Esses excertos fogem às regras postuladas pelas Gramáticas Normativas e serão analisados detalhadamente na seção 5. Na próxima seção, abordaremos a categoria modalidade, tomando como referência o estudo givoniano.

A modalidade *irrealis*

A modalidade *irrealis* é uma categoria muito importante no estudo do subjuntivo, porque, segundo Givón (2001), este modo verbal está inserido no contexto *irrealis*. A modalidade emerge na interação, ou seja, é de base comunicativa e definida por ele como a atitude do falante no que se refere à proposição epistêmica (probabilidade, verdade, certeza) associada ao eixo semântico de verbos de baixa certeza e deôntica (manipulação, preferência, obrigação) relacionada, por seu turno, ao escopo de verbos de fraca manipulação.

Na presente pesquisa, à luz dessas questões, analisamos, através dos valores semânticos dos verbos, em quais categorias de verbos se emprega mais a forma subjuntiva.

Na próxima seção, trataremos da articulação entre os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo.

2. O funcionalismo e a sociolinguística: teorias em diálogo

A Sociolinguística e o Funcionalismo constituem teorias que se unem por reconhecerem a heterogeneidade da língua e por priorizarem seu uso real como ponto

basilar para explicar processos de variação e mudança. Essa interface entre as teorias e a articulação dos seus princípios recebe a denominação de Sociofuncionalismo.

Diante dessa aliança entre as teorias, propomo-nos à integração dos seguintes pressupostos: na perspectiva funcionalista, as noções de modalidade na visão givoniana e os Princípios de Gramaticalização estabelecidos por Hopper (1991), e, na visão sociolinguística, nossa análise estará centrada na correlação de fatores linguísticos como a variável modalidade e a variável assertividade da oração.

Em relação à modalidade, o conceito por nós adotado, baseia-se na visão givoniana entendida como a atitude do falante no que se refere à proposição epistêmica e deôntica, conforme mencionado anteriormente.

No tocante aos Princípios de Gramaticalização, selecionamos, na presente pesquisa, apenas três, a saber: (i) a estratificação que se torna relevante para a pesquisa, porque está relacionada à concomitância de formas que codificam uma mesma função (forma subjuntiva/forma indicativa). (ii) por meio do princípio da divergência, observamos como, no Processo de Gramaticalização, a presença da forma variante (o modo indicativo) com a permanência na língua de sua forma primeira (a forma subjuntiva). E, através do princípio da persistência, percebemos o valor de subjuntivo que permanece, mesmo com a alternância com a forma indicativa.

Mediante a junção dos preceitos mencionados entre as vertentes teóricas, assumimos a possibilidade dessa associação, mostrando isso a partir de algumas semelhanças entre os seus aportes teóricos e metodológicos, como também, através do diálogo entre o trabalho realizado por Tavares (2003), que dedicou, em sua tese, um capítulo sobre o que ela denomina de casamento entre a Sociolinguística e o Funcionalismo.

Revisitando os aportes teóricos e metodológicos do Funcionalismo e da Sociolinguística, podemos encontrar algumas semelhanças que nos possibilitam um diálogo entre essas teorias, como veremos a seguir.

Camacho (2001) nos diz que nas bases dos postulados da Sociolinguística, a variação é inerente ao sistema linguístico. Essa convicção de que a língua passa por um processo de alteração constante no sistema linguístico também é encontrada na teoria funcionalista na afirmação de Givón (2011, p.17): “a língua muda constantemente”.

Mollica (2007, p.9), ao falar sobre a variação, expressa que a Sociolinguística “estuda a língua em uso no seio da comunidade de fala”. O Funcionalismo, por sua vez, nas palavras de Cunha, Costa e Cezário (2013, p.29), “procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso.”

Outro princípio preconizado pela Sociolinguística, parte do pressuposto “de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais.” (MOLLICA, 2007, p.10). Na hipótese funcionalista, também, observamos essa semelhança quando essa teoria considera que há “uma relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação.” (MARTELOTTA, 2011, p. 55, 56).

Essas são apenas algumas semelhanças que podemos encontrar entre o Funcionalismo e a Sociolinguística. Podemos, ainda, resgatando Tavares (2003), elencar outros exemplos, como: (i) a mudança linguística ocupa uma posição de destaque e pode ser compreendida como um fenômeno contínuo e gradual; (ii) a prioridade que se atribui à língua em uso é afim nas duas teorias e (iii) os dados

sincrônicos e diacrônicos não são tomados de maneira indissociáveis no estudo linguístico.

Apesar de tantos pontos em comum entre o Funcionalismo e a Sociolinguística, por se tratar de teorias distintas, em termos de princípios e metodologia, as semelhanças entre elas, por vezes podem se dar de maneira superficial. Reconhecemos que alguns tópicos são inconciliáveis quando se trata de teorias distintas. Nesse caso, aspiramos das palavras de Pires de Oliveira (1999) quando expressa ser possível a construção de coerências diante das diferenças, porque podemos compreender “os termos de uma teoria na linguagem da outra”, (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 11), surgindo, então, uma linguagem comum. Seria um processo de diálogo entre as diferenças existentes entre alguns conceitos incompatíveis entre elas, para, por fim, o casamento ser constituído de fato e o Sociofuncionalismo ser gerado.

3. Procedimentos metodológicos

Os dados da nossa pesquisa foram extraídos do *Corpus* PPVC, constituído pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e pelo Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo-CNPq. A amostra foi composta por 24 informantes, estratificados da seguinte forma: sexo (masculino/feminino), faixa etária (Faixa I: de 15 a 35 anos; Faixa II: de 36 a 70 anos; Faixa III: com mais de 70 anos de idade) e grau de escolaridade (sem escolaridade ou até 5 anos de escolarização). Os dados foram codificados e submetidos ao programa estatístico GoldVarb.

4. Análise dos dados

Na nossa amostra tivemos um total de 100 ocorrências com os seguintes percentuais discriminados na tabela 1.

Tabela 1: Modo indicativo x modo subjuntivo

| Formas | |
|------------|----------|
| Subjuntivo | 56 (56%) |
| Indicativo | 44 (44%) |
| Total | 100 |

Os resultados dessa pesquisa mostram que, de um total de 100 (cem) ocorrências detectadas no *Corpus* PPVC em que se prescreve o uso do modo subjuntivo, registraram-se 56 (cinquenta e seis) ocorrências de formas do subjuntivo em contexto de subjuntivo perfazendo um total de 56% e 44% na forma indicativa em contexto de subjuntivo.

Um ponto pertinente discutido na teoria Funcionalista e na teoria Sociolinguística que nos ajuda a entender esse processo de estratificação/variação do modo subjuntivo está atrelado ao reconhecimento de que existem forças internas e externas à língua fazendo com que a língua passe por um processo de variação/mudança constante no sistema linguístico. Observemos o exemplo seguinte:

(3) Ele disse: “[...] eles não qué que eu BANHE aqui no colo. Qué que eu VÔ...VÔ pá casa de seu Hercilo ou pá casa de Amorim.” (E.L.C).

Evidenciamos, nesse excerto de fala, o uso da forma subjuntiva na primeira estrutura de complementação o que indica, no valor desse modo, incerteza do fato expresso segundo prescreve a Gramática Normativa. No entanto, na segunda oração subordinada, tem-se outra forma - o indicativo - que não revela um fato real, conforme prescrito tradicionalmente, mas mantém o valor nocional de incerteza mesmo sem o uso da forma subjuntiva.

Na amostra analisada, a construção de enunciados com o uso do subjuntivo é frequentemente utilizado para indicar que uma asserção é fracamente asserida como incerta ou desejável (*irrealis*). Segundo a visão givoniana, uma forma, quando rotinizada ou muito frequente, mostra-se inexpressiva no discurso fazendo com que o falante busque outras maneiras para se expressar resultante de fatores motivacionais de uso que estão atreladas às necessidades de comunicação.

Esses fenômenos linguísticos que surgem nos contextos reais de comunicação podem se gramaticalizar porque são as construções mais frequentes que tendem a passar por esse processo. Sendo assim, emparelhamos essa discussão com a noção de marcação como um condicionador do uso variável do subjuntivo já que esse princípio tem uma relação com a questão da frequência de uso de uma dada forma que apresenta as seguintes características na amostra em análise: não marcado em relação ao indicativo, pois apresenta um grande índice de ocorrência, com menos complexidade estrutural e menos complexidade cognitiva.

É necessário frisar que a emergência da nova forma – o indicativo em contexto de subjuntivo - não acarreta, necessariamente, o desaparecimento da forma mais antiga – modo subjuntivo- e, então, neste momento, tomamos a posição de acionar três dos cinco princípios estabelecidos por Hopper (1991) para entendermos os estágios e graus de Gramaticalização que o subjuntivo pode passar: estratificação, divergência e persistência.

Para Hopper (1991), o princípio da estratificação, em relação ao nosso fenômeno linguístico, ocorre da seguinte maneira: dentro de um mesmo domínio funcional, a forma indicativa surge como uma nova camada que marca a função que é exercida pela forma mais velha - a forma subjuntiva como podem ser evidenciados nos seguintes fragmentos de fala:

- (4) [...] aí ele falou bem assim: Tu quer [nem] que eu VÁ arrumar pra tu? [...] (E.S.P)
 (5) [...] ele falou assim: “Quer que eu VÔ com você?”(E.F.O)

O verbo *ir* em (5) mantém o mesmo valor nocional de incerteza do fragmento de fala em (4) mesmo com o emprego da forma indicativa *vou*. Essa forma variante do verbo *ir* (**vôo**) pode passar pelo Processo de Gramaticalização, mas a sua forma mais antiga (**vá**) pode se manter como um item autônomo, processo conhecido como divergência. E, se o valor de subjuntivo permanece, mesmo que, no processo de alternância, a forma utilizada seja a forma indicativa, Hopper (1991) categoriza esse tipo de processo como princípio da persistência.

Esses princípios estabelecidos por Hopper (1991) vêm trazer à luz a visão da gramática emergente, esclarecendo, assim, como esses processos e estágios da Gramaticalização podem ser compreendidos.

A seguir, apresentaremos alguns resultados de análise a partir da seleção das variáveis linguísticas.

Resultados das variáveis linguísticas

Nesta subseção, analisaremos os grupos de fatores *tipo de oração*, *tipo de verbo da oração matriz* e *estrutura da assertividade da oração*, variáveis selecionadas pelo programa GoldVarb.

Resultado da variável tipo de oração

Após a rodada dos dados no Programa IVARB, a variável *tipo de oração* foi a primeira selecionada como estatisticamente relevante e os resultados estão apresentados na tabela 2 seguinte:

Tabela 2: Atuação da variável tipo de oração na variação do subjuntivo

| Tipo de Oração | Subjuntivo | | | Indicativo | | |
|----------------------|--------------|-----|------|------------|-----|------|
| | Nº | % | PR | Nº | % | PR |
| Oração Subordinada | 54 | 62% | .625 | 33 | 38% | .375 |
| Oração Parentética | 2 | 15% | .032 | 11 | 85% | .968 |
| Total | 56 | | - | 44 | | - |
| Significância | Input | | | | | |
| 0.019 | 0.507 | | | | | |

Na tabela 2, há evidência de que o contexto sintático de oração parentética mostra-se desfavorecedor do uso de formas do subjuntivo com o percentual de 15% e peso relativo de .032. Já em contexto sintático de orações subordinadas substantivas, com o percentual de 62% e peso relativo de .625 percebemos o favorecimento do emprego do subjuntivo.

A diferença percentual do uso da forma indicativa entre as orações parentéticas e as orações substantivas é substancial: 85% e 38% respectivamente. Vejamos alguns excertos de fala:

- (6) DOC: E com os que tinha0, vocês, cê, eles, cê se lembra de alguma história interessa::nte?
 INF: Não, que eu me LEMBRO assi::m, nã::o. !(S.J.S)
- (7) DOC: Você já teve alguma doença mais séria? Algum problema, assim, de saúde?
 INF: Que eu LEMBRO, não. Só bronquite. Bronquite eu tive, assim. Mar acho qui num é muit0 sér0o não. (S.S.C)
- (8) Eu falei: “Oh doutora, eu quero que a doutora me DÁ um remédio que eu tô com esquecimento”. (J.A.P)
- (9) Eu esperava que o final FOSSE melhor, né? (S.J.S)

Diante dos resultados apresentados na tabela 2, constatamos que as orações subordinadas substantivas constituem um contexto favorecedor para o uso do subjuntivo, enquanto o tipo de oração parentética apresenta-se como desfavorecedor desse modo verbal.

Na próxima subseção, analisaremos a variação do subjuntivo a partir da variável *tipo de verbo da oração matriz*.

Resultado da variável tipo de verbo da oração matriz

Com esse grupo de fator, pretendemos, através dos valores semânticos dos verbos volitivos, cognitivos, *dicendi*, existencial e outros (ser, ir), averiguar em qual categoria de verbo emprega-se mais a forma subjuntiva.

Tabela 3: Atuação da variável tipo de verbo da oração matriz na variação do subjuntivo

| Tipo de verbo na matriz | Subjuntivo | | | Indicativo | | |
|-------------------------|------------|----|------|--------------|----|------|
| | Nº | % | P.R | Nº | % | PR |
| Volitivo | 32 | 65 | .557 | 17 | 35 | .443 |
| Existencial | 2 | 67 | .510 | 1 | 33 | .490 |
| Outros | 2 | 50 | .466 | 2 | 50 | .534 |
| Cognitivo | 9 | 41 | .381 | 13 | 59 | .619 |
| Total | 45 | | | 33 | | |
| Significância | | | | Input | | |
| 0.019 | | | | 0.507 | | |

Os resultados, vistos na tabela 3, demonstram que os verbos mais produtivos estão na categoria dos verbos volitivos com um total de 49 ocorrências. Esse tipo de verbo favorece o uso do subjuntivo com o percentual de 65% e peso relativo de .557. Os verbos existenciais apresentam o percentual de 67% e peso relativo próximo da zona mediana de neutralidade (.510). No que concerne aos verbos cognitivos e outros (ser, ir), mostraram-se menos produtivos, desfavorecendo, assim, o uso de formas do subjuntivo.

Vejamos, agora, os resultados percentuais e probabilísticos referentes à variável estrutura da assertividade da oração.

Resultado da variável estrutura da assertividade da oração

A seguir, na tabela 4, mostramos a distribuição frequencial da variável *Estrutura da assertividade da oração*.

Tabela 4: Atuação da variável estrutura da assertividade da oração na variação do subjuntivo

| FATORES | MODO VERBAL | | | | | |
|---|--------------|----|------|------------|----|------|
| | Subjuntivo | | | Indicativo | | |
| | Nº | % | P.R | Nº | % | P.R |
| Afirmção na matriz e na oração completiva | 49 | 71 | .546 | 20 | 29 | .454 |
| Que eu (lembre) | 2 | 29 | .659 | 5 | 71 | .341 |
| Negação na matriz e afirmação na completiva | 3 | 43 | .294 | 4 | 57 | .706 |
| Afirmação com negação na oração completiva | 2 | 29 | .168 | 5 | 71 | .832 |
| Total | 56 | | | 34 | | |
| Significância | Input | | | | | |
| 0.019 | 0.507 | | | | | |

De acordo com a tabela 4, as asserções com o operador de negação não favoreceu o uso do subjuntivo como havíamos aventado. A asserção com o escopo da negação desfavoreceu o uso do subjuntivo com o peso relativo de .294 no fator *Negação na matriz e afirmação na completiva* e no fator *Afirmação com negação na oração completiva* com o peso relativo de .168.

A razão do escopo da negação na cláusula não exercer influência no uso do subjuntivo no *Corpus* em análise levou-nos a conjecturar que pode estar no fato das asserções afirmativas apresentarem um número elevado de ocorrências, 76 dados para apenas 14 dados com o escopo da negação. Paralelo a isso, observamos, também, que, desses 14 dados, apenas 3(três) têm o operador de negação na matriz. Diante disso, reconhecemos que esse resultado pode estar relacionado à questão do *Corpus* ser composto basicamente por asserções afirmativas. Reconhecemos assim, que apenas com um número maior de dados e com outros tipos de verbos atuando poderemos tecer uma análise a esse respeito.

Resultado das variáveis extralinguísticas

Nesta subseção, apresentamos os resultados da análise dos dados da variável nível de escolaridade selecionada pelo programa anlitico.

Resultado da variável nível de escolaridade

O grupo de fator nível de escolaridade tem sido testado pelos pesquisadores a fim de comprovar a hipótese de que o não uso do modo subjuntivo esteja relacionado ao menor ndice de nível de escolaridade.

Exibimos, a seguir, na Tabela 5, a distribuição percentual e probabilística da variação do modo subjuntivo entre os informantes sem escolaridade e até 5 (cinco) anos de escolarização:

Tabela 5: Atuação da variável nível de escolaridade na variação do subjuntivo

| MODO VERBAL | NÍVEL DE ESCOLARIDADE | | | | | |
|----------------------|-----------------------------|----|------|------------------|----|------|
| | Até 5 anos de escolarização | | | Sem escolaridade | | |
| | Nº | % | P.R | Nº | % | P.R |
| Subjuntivo | 45 | 58 | .528 | 11 | 50 | .403 |
| Indicativo | 33 | 42 | .472 | 11 | 50 | .597 |
| Total | 78 | | | 22 | | |
| Significância | input | | | | | |
| 0.008 | 0.566 | | | | | |

Os nossos dados revelam uma leve tendência dos falantes que foram inseridos no universo escolar apresentarem uma maior recorrência de uso da forma prestigiada (58%), embora, em termos probabilísticos, os falantes categorizados em até cinco anos de escolarização tenham uma produtividade de uso do subjuntivo que

entra na zona de neutralidade estatisticamente (P.R .528). Em contrapartida, esse percentual diminui com os falantes que não receberam nenhum tipo de instrução (50% e P.R de 403).

Considerações finais

A questão central desse artigo foi a de investigar indícios de variação/estratificação do modo subjuntivo no *Corpus* PPVV em orações completivas em orações parentéticas.

Teoricamente, a pesquisa está baseada no Sociofuncionalismo, integrando os seguintes pressupostos: na perspectiva funcionalista, três princípios de Gramaticalização estabelecidos por Hopper (1991), a saber, estratificação, divergência e persistência e, ainda, a modalidade na visão givoniana. E, na visão Sociolinguística, nossa análise centrou-se na correlação dos fatores de ordem linguística, a variável tipo de oração, a variável tipo de verbo da oração matriz e a variável estrutura da assertividade da oração e em fatores de ordem extralinguística (nível de escolaridade).

Vimos que o modo subjuntivo no *Corpus* PPVC é comumente utilizado em contexto *irrealis* no qual se evidencia que um fato é tido como incerto (modalidade epistêmica). O uso do subjuntivo para expressar essas noções é tão previsível e rotineiro pelos falantes que faz essa forma linguística se tornar inexpressiva no processo comunicativo. Dessa forma, o uso da forma indicativa é uma estratégia acionada no exercício da linguagem pelos falantes, a fim de que as necessidades comunicativas atinjam seus efeitos nos diversos contextos de uso.

Em relação aos resultados quantitativos, do ponto de vista linguístico, no grupo de fator *tipo de oração*, as orações subordinadas substantivas mostraram-se um contexto favorecedor do uso do subjuntivo em relação às orações parentéticas.

Em relação a variável *tipo de verbo da oração matriz*, os verbos volitivos favoreceram o uso do subjuntivo sendo essa categoria de verbo o mais produtivo na amostra. De fato, o verbo da oração matriz, exerce influência na integração das cláusulas – matriz/encaixada, condicionando, assim, o uso do subjuntivo na estrutura de complementação. E, concernente à variável *estrutura da assertividade da oração*, o escopo da negação nas cláusulas não condicionou o uso do subjuntivo.

No que alude às variáveis extralinguísticas, a variável nível de escolaridade revelou que os informantes que tiveram acesso ao ensino sistematizado apresentaram uma leve tendência a uma maior recorrência do uso da forma de prestígio do que aqueles sem escolaridade.

No contexto de oração parentética, o uso da forma inovadora apresentou-se em um índice percentual elevado e o operador de negação não exerceu influência na aquisição da forma do subjuntivo. Em termos gerais, as orações intercaladas apresentaram algumas características peculiares como o uso da primeira pessoa do singular, o uso do presente e o emprego categórico do verbo *lembrar* nas cláusulas.

Em linhas gerais, levando em consideração os fatores linguísticos e extralinguísticos no estudo do subjuntivo, o resultado dessa pesquisa, do ponto de vista da Sociolinguística, sinaliza uma variação estável e, do ponto de vista do Funcionalismo, encontra respaldo no Processo de Gramaticalização tendo em vista que, conforme citado anteriormente, esse processo pode ser entendido através dos princípios da estratificação, da divergência e da persistência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

ALVES, Rosana Ferreira. *A expressão de Modalidades típicas do subjuntivo em duas sincronias do português: século XVI e contemporaneidade*. Tese de Doutorado, UNICAMP, São Paulo, 2009.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

CARVALHO, Hebe Macedo de. *A alternância indicativo/ subjuntivo nas orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito na língua falada do Cariri*. Tese de Doutorado, Fortaleza, 2007.

CUNHA, Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, Maria Furtado da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de e MARTELOTTA, Eduardo Mário (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: an introduction*. v.1. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GIVÓN, Talmy. *Compreendendo a gramática*. Natal: EDUFRN, 2011.

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (eds.). *Approaches to Grammaticalization: Focus on Theoretical and Methodological Issues*. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 17-35.

KURY, Adriano da Gama. *Pequena gramática: para a explicação da nova nomenclatura gramatical*. 9. ed. rev. Rio de Janeiro: Agir, 1964.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, M^a Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIMA, Joana Angélica Santos. *O presente do subjuntivo na fala de Salvador: um estudo variacionista*. Dissertação (Mestrado). UFMG, Belo Horizonte, 2012.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MEIRA, Vivian. *O uso do subjuntivo em orações relativas e completivas no português afro-brasileiro*. Dissertação (Mestrado em linguística). UFBA, Salvador, 2006.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura Neves. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 3. ed. São Paulo Ática, 1998.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. *Uma história de delimitações teóricas: 30 anos de semântica no Brasil*. D.E.L.T.A. v.15, n. especial, São Paulo, 1999.

PIMPÃO, Tatiana Schwochow. *Uso variável do presente do presente no modo subjuntivo: uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX*. Tese (doutorado). UFSC, Florianópolis, 2012.

SILVA, Jorge Augusto Alves da. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do estado da Bahia*. Tese de doutorado: Salvador, 2005.

SOUSA, Valéria Viana. *Os (Des)caminhos do você: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você*. Tese de doutorado: João Pessoa, 2008.

TAVARES, Maria Alice. *A gramaticalização de e, aí, daí, e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo funcionalista*. Tese (doutorado)- UFSC, Florianópolis, 2003.

VIEIRA, Marta Mara Munguba. *Alternância no uso dos modos indicativo e subjuntivo em orações subordinadas substantivas: uma comparação entre o português do Brasil e o francês do Canadá*. Dissertação (Mestrado). UFRN, Natal, 2007.

WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian; Herzog, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno e Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Recebido: 28.09.2015 – **Aprovado:** 30.11.2015